

Relações entre diversão e loucura: estudo da internação no Hospital Colônia de Barbacena, 1934 a 1946

Marcelle Rodrigues Silva

Mestranda em Estudos do Lazer (UFMG)

Turismóloga (UFMG)

marcelleturismo@gmail.com

Maria Cristina Rosa

Doutora em Educação (UNICAMP)

Professora Associada (UFMG)

m.crosa@hotmail.com.br

RESUMO: Discute-se como a diversão poderia ser compreendida como loucura, levando pacientes à internação no Hospital Colônia de Barbacena, no período entre 1934 e 1946. O Hospital Colônia foi escolhido para estudo por ser o primeiro hospital psiquiátrico público de Minas Gerais. Neste Hospital destaca-se pela frequente internação de pacientes que não eram doentes mentais e estavam ali por outros problemas. O recorte temporal, de 1934 a 1946, foi selecionado devido ao contexto médico vivenciado durante a Era Vargas (1930-1945) em que a gestão de Gustavo Capanema no Ministério dos Negócios de Educação e Saúde; o Serviço de Doenças Mentais (SDM) e os ideais médicos da Liga Brasileira de Higiene Mental (1935 a 1946) contribuíram para a internação de praticantes de divertimentos ilícitos no Hospital Colônia de Barbacena. A metodologia envolve pesquisa historiográfica, embasada na História Cultural. A população pesquisada inclui novos pacientes internados no Hospital, entre 1934 e 1946.

PALAVRAS-CHAVE: Diversão, Doença; Loucura; Internação.

Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado, ainda em desenvolvimento, intitulada Diversão, doença e Internação no Hospital Colônia de Barbacena, 1934 a 1946. Pretende-se aqui realizar discussões iniciais a respeito de como a diversão poderia ser compreendida como loucura, levando pessoas à internação no Hospital Colônia de Barbacena, no período compreendido entre 1934 a 1946.

O Hospital Colônia de Barbacena foi escolhido como objeto de estudo por ser o primeiro hospital público especializado em psiquiatria do estado de Minas Gerais, servindo de modelo para gestão de outros hospitais no país, tendo mais de 113 anos de história.

No Hospital Colônia era comum a internação de pacientes que “não eram doentes mentais e estavam ali por outros problemas, que não a necessidade de tratamento médico-psiquiátrico”¹. Afinal, 70% dos pacientes encarcerados nesse hospital entre as décadas de 1930 e 1970 não apresentavam problema mental².

A compreensão da relação entre o divertimento e as doenças mentais por meio do estudo da internação de pacientes no Hospital Colônia de Barbacena pode ampliar as discussões sobre a loucura e as motivações para a internação de pacientes.

Os divertimentos ilícitos (ou divertimentos inadequados³) são aqueles que abarcam práticas realizadas no tempo/espaço que se opõem à saúde, à produtividade e a legalidade, contemplando a predominante busca pelo prazer, “muitas vezes associada aos vícios”⁴. Já a loucura é considerada a impossibilidade de seguir as regras sociais e de compreender a necessidade e as benesses do trabalho, demandando “a institucionalização de novos espaços terapêuticos, como colônias agrícolas, reformatórios, manicômios judiciários, ambulatórios”⁵.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, está sendo realizado um trabalho historiográfico, sob a perspectiva da História Cultural⁶ tendo como aporte teórico obras de Michel Foucault. As fontes escolhidas para estudo situam-se em três arquivos principais: o 1) Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi (AHMPAS); 2) Núcleo de Estudos e Pesquisa (NEP) e 3) Museu da Loucura de Barbacena, estes últimos pertencentes à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG).

O recorte temporal, de 1934 a 1946, foi definido devido ao contexto médico e político vivenciado neste momento, tendo início a partir de 1934, quando da criação do Decreto nº 24.559

¹ MAGRO FILHO, J. B. *A tradição da Loucura: Minas Gerais, 1870/1964*. Belo Horizonte: COOPMED/EDITORA UFMG, 1992. 1- 159 p. Arquivo: Biblioteca Pública Municipal Honório Armond, em Barbacena – MG, p. 138; 139.

² ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. 1ª.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

³ Termo em oposição aos divertimentos adequados de Victor Melo. Os divertimentos inadequados se apropriam de antigas práticas populares, proibidas e ou/reconfiguradas. MELO, V. A. D. O Lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, S. R. D. *Estudos do Lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. Cap. Lazer, História e Diversidade Cultural, p. 71.

⁴ ROSA, M. C. *Da pluralidade dos corpos: educação, diversão e doença na Comarca de Vila Rica*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 1-309. 2005. Tese (Doutorado em Educação).

MELO, V. A. D. *O Lazer (ou a diversão) e os estudos históricos*, p. 65-80.

SOUZA, J. T. Os jogos proibidos no tempo do império. In: MARZANO, A.; MELO, V. A. D. *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 153-177.

⁵ PORTOCARRERO, V. *Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz. Coleção Loucura & Civilização, v. 4, 2002. 1-118 p. ISBN 978-85-7541-388-, p. 9.

⁶ BURKE, P. *O que é história Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 191 p.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. 3a.ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. História &. Reflexões, 2012.

de 3 de julho de 1934, durante a Era Vargas e encerrando-se em 1946, quando do fim da gestão de José Cezarini, um dos mais controversos gestores que o Hospital Colônia de Barbacena já teve⁷.

A população pesquisada inclui os “novos entrantes”, ou seja, os novos pacientes internados no Hospital Colônia, no período compreendido entre 1934 e 1946, de qualquer sexo, idade e estado civil.

Medicalização da Diversão

Durante o século XX havia uma compreensão higienista e, por vezes, eugenista, de que determinadas práticas de diversão não eram benéficas à população e que seus praticantes deveriam ser apartados do convívio social e medicalizados⁸. Esta compreensão reforçou múltiplos interesses sociais, políticos e médicos, que permitiram a internação de pacientes no Hospital Colônia de Barbacena.

Uma das organizações mais influentes para propagação desta compreensão foi a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) fundada em 1923, por Gustavo Riedel. A Liga era uma entidade civil, financiada pelo governo federal, composta pelos “mais importantes psiquiatras brasileiros”⁹, e tinha o objetivo de melhorar os serviços psiquiátricos brasileiros, modernizando o atendimento aos pacientes, que se encontravam reclusos em asilos superlotados, com baixo índice de sucesso terapêutico¹⁰.

A princípio, a LBHM orientava-se pelo pensamento higienista, que propunha melhorias sanitárias para costumes e modos de vida da população. A partir de 1926, influenciados pelo contexto político do entre guerras e pelas teorias eugenistas insurgentes, os conceitos de higiene mental se modificaram. De 1935 a 1946, a parte eugenista da Liga assume a direção da instituição

⁷ DUARTE, M. N. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras: o Hospital Colônia de Barbacena 1992-1946*. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 1-172. 1996. (1653498-11). Dissertação (Mestrado em História). [mimeo].

⁸ Teoria apresentada nos trabalhos de:

DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

MACEDO, C. F. A evolução das políticas de saúde mental e da legislação psiquiátrica no Brasil. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, 14 Abril 2006.

MAGRO FILHO, J. B. *A tradição da Loucura: Minas Gerais, 1870/1964*, p. 138; 139.

PICCININI, W. J. História da Psiquiatria: Eugenia e Higiene Mental. *Psychiatryonline Brasil*, v. 20, n. 9, outubro 2015. ISSN 13597620.

⁹ SEIXAS, A. A. A.; MOTA, A.; ZILBREMANN, M. L. A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu Contexto Histórico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – APRS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 82, 2009.

¹⁰ PICCININI. *História da Psiquiatria: Eugenia e Higiene Mental*.

e, inspirada pelo contato com alemães, franceses e norte-americanos, “passa a pregar o aperfeiçoamento da raça”¹¹, numa “clara tentativa de ‘normalizar’ a população”¹².

Os ideais médicos eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental influenciaram o tratamento psiquiátrico em Minas Gerais, a partir de 1927. A Liga estava preocupada com a assistência aos menores, campanhas contra o alcoolismo e o desaconselho do casamento entre deficientes¹³. Neste momento há uma ampliação na qualidade dos pacientes contemplados por tratamento psiquiátrico, incluindo alcoólatras e pessoas que não agradavam a sociedade, dentre elas aquelas que praticavam divertimentos, muitas vezes ilícitos.

O Decreto nº 24.559 de 3 de julho de 1934, promulgado durante a Era Vargas, foi baseado nos ideais eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental e possibilitou a internação de usuários de drogas e álcool, além de pessoas que apresentavam determinados comportamentos, estado de abandono, reações perigosas, ameaças à própria vida ou a de outrem, perturbação da ordem pública ou ofensa da moral pública.

Quando Getúlio Vargas assumiu o poder e deu início a Era Vargas (1930-1945), Gustavo Capanema responsabilizou-se pela pasta do Ministério dos Negócios de Educação e Saúde, centralizando o “modelo psiquiátrico baseado na expansão das colônias agrícolas e dos macro-hospitais”¹⁴.

Ainda no governo de Vargas foi criado em 1941 o Serviço de Doenças Mentais (SDM) que coordenava, normatizava e fiscalizava os serviços de assistência psiquiátrica em todo o Brasil. Seu primeiro gestor, Adauto Botelho (1941- 1954) traçou um plano de ação que envolvia uma série de mudanças nas legislações que tratavam da internação de pacientes em hospitais psiquiátricos; a construção de novos hospitais-colônias e a criação de impostos destinados à assistência dos psicopatas e a higiene mental; além da formação de técnicos especializados¹⁵, o que impactou no aumento do número de pacientes internados no Hospital Colônia de Barbacena.

A concepção médica de loucura vivenciada nas décadas de 1930 e 1940 estava calcada em exigências sociais e políticas que discriminavam os praticantes de determinados divertimentos, fazendo com que características culturais, como percepções de moral e bons costumes, ditassem o

¹¹ MAGRO FILHO. *A tradição da Loucura*.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 4a.ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

¹² SEIXAS; MOTA; ZILBREMAN. *A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu Contexto Histórico*, p. 82.

¹³ MAGRO FILHO. *A tradição da Loucura*.

¹⁴ DUARTE, M. N. De “*Ares e Luzes*” a “*Inferno Humano*”, p. 47.

¹⁵ DUARTE. De “*Ares e Luzes*” a “*Inferno Humano*”, p. 48.

que seria considerado como patologia mental ou não. Isto provocava a internação de pacientes que não necessitavam de tratamento médico-psiquiátrico¹⁶.

Os loucos desta época eram os destituídos de razão, mas também “degenerados... sífilíticos, alcoólatras, criminosos, homossexuais, prostitutas”¹⁷. Determinadas práticas, realizadas no tempo livre, como bebedeira, prostituição, uso de drogas, libertinagem e jogatina eram inseridas na perspectiva dos divertimentos ilícitos e seus praticantes poderiam ser classificados como loucos, sendo, portanto, passíveis de internação em estabelecimentos de saúde, como o Hospital Colônia de Barbacena.

Nestas décadas a reclusão dos pacientes loucos era uma medida profilática muito usual, sendo considerada “não apenas como fator de cura, mas também como prevenção de contágio para a sociedade”¹⁸. Apesar de existirem pessoas internadas que não eram doentes mentais, determinados comportamentos, incluindo divertimentos ilícitos, eram considerados patológicos não saudáveis e por isso as pessoas eram internadas¹⁹.

Breve Histórico do Hospital Colônia de Barbacena

No Brasil até o fim do século VXIII a loucura ainda não tinha sido medicalizada e o comportamento do louco não era considerado como patológico, mas a partir do século XIX a psiquiatria começará a se constituir²⁰.

Criado no ano de 1903²¹, com o nome de Assistência aos Alienados, o Hospital Colônia localizava-se em uma área de “400.000 m², sendo 5.000 m² de mata virgem”,²² pertencente à Fazenda da Caveira de Cima, que foi Joaquim Silvério dos Reis, o traidor da Inconfidência.

A origem do Hospital recorda o governo de Chrispim Jacques Bias Fortes, presidente do Estado de Minas Gerais entre 1894 e 1897, momento em que houve a mudança da capital do estado. Barbacena foi cogitada para ser a nova capital de Minas, porém foi preterida em relação à Belo Horizonte. Como “prêmio de consolação” a cidade foi agraciada com a instalação da

¹⁶ MAGRO FILHO. *A tradição da Loucura*.

¹⁷ PORTOCARRERO, V. *Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*, p. 9.

¹⁸ MAGRO FILHO. *A tradição da Loucura*.

¹⁹ MAGRO FILHO. *A tradição da Loucura*.

²⁰ MAGRO FILHO. *A tradição da Loucura*.

²¹ A partir dos decretos: n.º 508, de 21 de junho de 1890, que aprova o regulamento para a Assistência Médico-Legal de Alienados; n.º 896, de 29 de junho de 1892, que consolida as disposições em vigor relativas aos diferentes serviços da Assistência Médico-Legal de Alienados; n.º e 1.579A, de setembro de 1903, que Aprova o Regulamento que organiza a Assistência a Alienados; além da Lei estadual n.º 290, de 16 de agosto de 1900, que criou a Assistência aos Alienados de Minas Gerais.

²² DUARTE, M. N. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras: o Hospital Colônia de Barbacena 1992-1946*, p. 172.

Assistência aos Alienados de Minas Gerais, que a partir de 1934 passou a se chamar Hospital Colônia de Barbacena.

Os objetivos para a instalação do manicômio em Barbacena foram dois: retirar pessoas indesejáveis da nova capital, Belo Horizonte, afastando-as do centro urbano, e criar empregos em Barbacena, mediante o preenchimento de vagas no hospital, por indicação política²³.

Os pacientes do Hospital Colônia de Barbacena

O Hospital Colônia de Barbacena foi inicialmente projetado para abrigar 200 alienados vindos de diversas cidades de Minas Gerais²⁴. Nas primeiras décadas do século XX, o Hospital tratava doentes mentais agudos vindos de outras cidades de Minas Gerais e abrigava loucos crônicos, incuráveis, insanos tranquilos e/ou alcoólatras convalescentes²⁵.

No ano de 1922 foi construído um novo setor do Hospital Colônia de Barbacena, denominado Asilo Colônia. Foram construídos dezesseis pavilhões anexos, em uma área de oito milhões de metros quadrados, que ficaram prontos até meados da década de 1940. Apesar do investimento na ampliação do Hospital, em 1929, sete anos após o início das obras, ele abrigava 1.650 pacientes, quase três vezes a sua capacidade naquele momento²⁶.

Em 1934, sob a direção do alienista José Jorge Teixeira, o Hospital foi ampliado novamente, recebendo dois novos galpões e melhoramentos no abastecimento de água²⁷, passando a se chamar Hospital Colônia de Barbacena, apesar de já funcionar no modelo de hospital-colônia, desde 1911. Entre os anos de 1934 e 1946, o Hospital recebeu, em média, 2.051 novos pacientes por ano, vindos de municípios de todo o Brasil e exterior.

Apesar do Hospital Colônia, desde sua criação, ter sido referência para a internação de doentes mentais, de Minas Gerais e de fora do estado, não era comum a internação de doentes barbacenenses no Hospital²⁸. Os loucos pobres que perambulavam por Barbacena conviviam bem como a população²⁹, já os loucos das famílias abastadas eram internados fora da cidade passando despercebidos.

²³ DUARTE, M. N. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras: o Hospital Colônia de Barbacena 1992-1946*.

²⁴ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

²⁵ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

²⁶ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

²⁷ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

²⁸ PASSOS, I. C. F. *et al.* Significação da Loucura e Modos: estudo de caso na cidade de Barbacena-MG. *Vivência - Revista de Antropologia*, Natal, n. 32, 2007. ISSN 0104-306.

²⁹ PASSOS, I. C. F. *et al.* *Significação da Loucura e Modos*.

As internações de pessoas de outros municípios do estado de Minas Gerais e do Brasil, estavam em acordo com os ideais sociais e médicos das décadas de 1930 e 1940, reafirmando a teoria eugenista “que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos”³⁰. No Hospital Colônia também eram internados estrangeiros: italianos e alemães³¹, trazidos para o município esperando encontrar tratamento.

Pacientes praticantes de divertimentos ilícitos eram internados no Hospital Colônia de Barbacena, desde sua criação. No entanto, entre as décadas de 1930 e 1940, o hospital passou a abrigar ainda mais pacientes com essas características, devido a mudanças em legislações federais e estaduais. Nesta época muitos dos internos deste Hospital eram classificados como alcoólatras, apostadores, prostitutas, homossexuais, histéricos, gatunos, nervosos, neurastênicos, paranoicos, psicopatas, psicóticos, drogadictos, surdos-mudos e mesmo não-loucos³².

Havia no Hospital Colônia de Barbacena uma expressiva quantidade de internações de pacientes alcoólatras, histéricos, maniaco-depressivos, não loucos ou que não tiveram suas doenças diagnosticadas no momento de suas internações, totalizando 49% dos pacientes internados, no período compreendido entre 1922 a 1946³³. O hospital também recebia indivíduos com desvios de conduta, que praticavam pequenos delitos³⁴.

Em 1934 o Hospital foi visitado pelo famoso escritor Guimarães Rosa, que atuou como médico da Polícia Militar de Minas Gerais. Guimarães Rosa retrata, em seu conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, lançado em 1962, a situação calamitosa do “Trem de Doido” ou “nau dos loucos”, que chega ao Hospital Colônia de Barbacena, trazendo pacientes³⁵. Neste trem noturno, pacientes de diversas regiões vinham de mãos e pés amarrados, acompanhados por policiais ou guardas de instituições. Eles desciam na estação de trem denominada Sanatório e dali seguiam a pé até o Hospital Colônia³⁶; seminus e sob o frio e o vento.

Somente em 1941, quando a estação Sanatório encerrou suas atividades e os loucos começaram a descer “na estação principal, no centro de Barbacena, distante 8 km do Hospital, é que começaram os protestos da população, alegando que isso causava má impressão aos ‘turistas’”

³⁰ ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro*, p. 21.

³¹ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

³² DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

³³ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

³⁴ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*. p. 135.

³⁵ ROSA, G. *Primeiras Estórias*. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

³⁶ DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras*.

³⁷. Os barbacenenses tinham duas visões sobre a loucura: constrangimento e compaixão³⁸, preferindo esconder as marcas provocadas pelo Hospital Colônia na cidade, uma vez que a loucura era estigmatizada.

Conclusão

As fontes pesquisadas apontam relações entre a loucura e o divertimento ilícito possibilitando a compreensão do pensamento médico da época, muito influenciado pelas concepções sociais daquilo que era certo ou errado.

Propõe-se, com a realização deste trabalho discutir as motivações para a internação de pacientes praticantes de divertimentos ilícitos. Espera-se ao longo da pesquisa encontrar casos de internação em que a prática de divertimentos ilícitos seja motivação principal para a internação e que possam auxiliar a compreender as relações entre os divertimentos e a loucura

³⁷ DUARTE, M. N. *De "Ares e Luzes" a "Inferno Humano": concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979*. Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 1-273. 2009. Tese (Doutorado em História).

³⁸ PASSOS, I. C. F. *et al. Significação da Loucura e Modos*, p. 247. DUARTE. *Ares e Luzes para Mentis Obscuras.*, p. 108.